

# **Movimento #EleNão: O uso das manifestações para fortalecimento da extrema direita brasileira e a circulação de imagens da Marcha das Vadias<sup>1</sup>**

*#EleNão Movement: The use of manifestation to strengthen the Brazilian far right and the circulation of images from the SlutWalk*

*Movimiento #EleNão: El uso de manifestaciones para fortalecer la extrema derecha brasileña y la circulación de imágenes del Marcha de las Putas*

Luiza Raquel Waulczinski<sup>2</sup>  
Cristina Scheibe Wolff<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda a circulação de imagens da Marcha das Vadias no Brasil durante as eleições de 2018, para presidente, como se fossem do Movimento #EleNão, na rede social *Facebook* e os comentários que circularam naquele momento. Tanto a divulgação de imagens como os comentários naquele momento histórico mostram como foi se dando o fortalecimento da extrema direita brasileira. Para isto, utilizamos a etnografia na internet e como o sexismo se faz presente nas redes, mostrando como a partir de 2012 às mídias sociais têm papéis fundamentais na construção de pensamentos políticos, na proliferação de *fake news* e em discursos de ódio direcionados a grupos minoritários.

**Palavras-chave:** Movimento Ele Não; *Facebook*, extrema direita; Marcha das Vadias.

**Abstract:** This article discusses the circulation of images of the SlutWalk in Brazil during the 2018 presidential elections, as if they were from the #EleNão Movement, on the social network *Facebook* and the comments that circulated at that time. Both the dissemination of images and the comments at that historical moment show how the Brazilian far right was strengthened. To this end, we use ethnography on the internet and how sexism is present on networks, showing how, since 2012, social media has played a fundamental role in the construction of political thoughts, the proliferation of fake news and hate speech directed at minority groups.

**Key-words:** Ele Não Movement; *Facebook*, far right; SlutWalk.

**Resumen:** Este artículo aborda la circulación de imágenes del Marcha de las Putas en Brasil durante las elecciones presidenciales de 2018, como si fueran del Movimiento #EleNão, en la red social *Facebook* y los comentarios que circularon en ese momento. Tanto la difusión de imágenes como los comentarios

---

<sup>1</sup> "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001".

<sup>2</sup> Mestranda em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Cursando segunda graduação em Sociologia pela Uninter. Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, campus Marechal Cândido Rondon. Finalizei a graduação em julho de 2023, dentro do calendário letivo de 2022, que sofreu alterações por conta do período pandêmico do Covid19. Pesquisadora de projetos relacionados ao Laboratório de Estudos de Gênero da História (LEGH) da UFSC, participou em dois projetos "Internet segura com perspectiva crítica de gênero" e "MANDONAS: memórias, políticas e feminismos no Cone Sul (1980-2020)", sendo técnica bolsista do segundo citado. Bolsista de três projetos pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic). Participante do projeto de extensão História, Cultura e Língua Portuguesa do Brasil para Migrantes Internacionais entre 2022-2023. Participante voluntário do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) entre 2020-2022. <https://orcid.org/0009-0007-7105-0135>. E-mail: [luizaraquelw@hotmail.com](mailto:luizaraquelw@hotmail.com).

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-7315-1112>. E-mail: [cristiwolff@gmail.com](mailto:cristiwolff@gmail.com).

en ese momento histórico muestran cómo la extrema derecha brasileña se fue fortaleciendo. Para ello, utilizamos la etnografía en internet y cómo el sexismo está presente en las redes, mostrando cómo, a partir de 2012, las redes sociales han jugado un papel fundamental en la construcción del pensamiento político, la proliferación de noticias falsas y discursos de odio dirigidos a grupos minoritarios.

**Palabras-clave:** Movimento Ele Não; *Facebook*, extrema derecha; Marcha de las Putas.

## Introdução

O presente artigo tem o intuito de discutir a circulação de algumas imagens da Marcha das Vadias no Brasil durante as eleições presidenciais em 2018, nas redes sociais, principalmente no *Facebook*. O uso das imagens das manifestações da Marcha ocorreu colocando-as como se acontecendo no momento, ou seja, como se fossem imagens registradas de quem estava manifestando no Movimento #EleNão, contrariamente ao presidenciável Jair Messias Bolsonaro.

As eleições presidenciais em 2018 tiveram as intencionalidades de votos divididas principalmente entre dois candidatos, Jair Messias Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT), sendo que 13 candidatos estavam na disputa eleitoral. Com Bolsonaro crescendo cada vez mais nas pesquisas e conquistando mais apoiadores, os grupos minoritários brasileiros se sentiam cada vez mais ameaçados, pois ele, enquanto parlamentar, deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro e presidenciável, teve diversos discursos adversos a esses grupos.

Dos diversos discursos de Bolsonaro destacamos alguns aqui, ele alegou que sua filha mulher, depois de quatro homens, foi uma “fraquejada”<sup>4</sup> (2017); em discussão com a deputada Maria do Rosário (PT-RS) falou “que só não a estupraria por que ela não merecia”<sup>5</sup> (2014); falou que “era melhor ter filho morto do que gay”<sup>6</sup>(2011); que “educou muito bem seus filhos e eles não se casariam com uma mulher negra”<sup>7</sup>(2011); ao falar dos grupos minoritários e como seriam atendidos em seu governo falou que “deveriam se adequar ou seriam

---

<sup>4</sup> Chagas, Inara. *Veja nove vezes em que Bolsonaro atacou os direitos das mulheres*. Brasil de Fato. Política. 08 de março de 2022 às 16:24. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/08/veja-nove-vezes-em-que-bolsonaro-atacou-os-direitos-das-mulheres>. Acesso em 23/01/2025.

<sup>5</sup> *Idem*.

<sup>6</sup> O que Bolsonaro já disse de fato sobre mulheres, negros e gays. *El país*. Brasil. Eleições 2018. 07 de outubro de 2018 às 18:02. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277\\_033603.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html). Acesso em: 23/01/2025.

<sup>7</sup> Bolsonaro diz na TV que seus filhos não 'correm risco' de namorar negras ou virar gays porque foram 'muito bem educados'. *O Globo*. Política. 29 de março de 2011 às 00:00, atualizada em 04 de novembro de 2011 às 00:44. Disponível em <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-diz-na-tv-que-seus-filhos-nao-correm-risco-de-namorar-negras-ou-virar-gays-porque-foram-muito-bem-educados-2804755>. Acesso em 23/01/2025.

esmagados”<sup>8</sup>(2018); falou em comício que iria “fuzilar a petralhada”<sup>9</sup> (2018), isto é, apoiadores do PT.

Por esses discursos sexistas, machistas, homofóbicos, racistas e misóginos, grupos minoritários começaram a manifestar-se nas redes sociais contra o presidenciável, ainda em pequena quantidade. Em 31 de agosto de 2018, uma publicitária baiana, Ludmilla Teixeira, iniciou no Facebook o grupo “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro” (MUCB)<sup>10</sup> e as manifestações isoladas tornaram-se mais organizadas e adquiriram coletividade.

A ideia inicial do MUCB era conscientizar e se manifestar contrariamente ao presidenciável Bolsonaro. Deste modo, brasileiras residentes no Brasil, assim como moradoras de outros países se organizaram em torno de um único grito, que foi amplamente divulgado nas redes sociais através de uma *hashtag*: #EleNão. Foram realizadas manifestações contra Bolsonaro em mais de 160 municípios brasileiros<sup>11</sup>. Estas foram promovidas principalmente por mulheres, mas também tiveram outros grupos participando, sendo que algumas capitais como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Recife, Curitiba e Florianópolis tiveram maior destaque, além de cidades em outros países como Lisboa, Paris, Berlim, Barcelona e Nova York. Essas manifestações ocorreram com maior adesão entre 29 de setembro de 2018 e 20 de outubro do mesmo ano.

Já a Marcha das Vadias no Brasil teve suas primeiras manifestações em 2011, mesmo ano que se deu a Marcha das Vadias no Canadá (*SlutWalk*), quando um policial falou a uma das acadêmicas da Universidade de Toronto que para evitar estupro era só não se vestir como vadia, em inglês *slut* (Guzzo, 2019). Desta forma, a marcha emergiu para demonstrar as violências que as mulheres sofrem, sejam físicas, psíquicas, verbais ou sexuais; além de também lutar pela responsabilização/punição dos agressores e pelos direitos das mulheres, tanto os novos como para que se apliquem os já garantidos em lei.

---

<sup>8</sup> O que Bolsonaro já disse de fato sobre mulheres, negros e gays. El país. Brasil. Eleições 2018. 07 de outubro de 2018 às 18:02. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277\\_033603.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html). Acesso em: 23/01/2025.

<sup>9</sup> Bonin, Robson. Em 2018, Bolsonaro defendeu ‘fuzilar a petralhada’. Veja. 10 julho de 2022, 20h04, atualizado 11 de julho de 2022 às 09:26. Disponível em <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/em-2018-bolsonaro-defendeu-fuzilar-a-petralhada>. Acesso em 23/01/2025.

<sup>10</sup> O grupo já contava com 2 milhões de participantes em meados de setembro, quando foi invadido e mudaram seu nome para Mulheres com Bolsonaro #17 e adicionaram apoiadores do candidato. Um dia após a invasão, foi conseguido recuperar o grupo e voltar ao nome original. Quando foi restaurado já contava com mais meio milhão de participantes.

<sup>11</sup> Esses são os dados oficiais, mas estima-se que foram mais de 300 municípios.

As Marchas das Vadias ocorreram em diversas cidades brasileiras e cada uma destacava uma temática de luta, protesto e reivindicação. O que pode ser destacado como semelhante nas manifestações é que eram organizadas, conduzidas e realizadas por mulheres, algumas já se sentindo pertencentes ao feminismo, outras não, mas que acreditavam que a violência sofrida não é culpa da vítima. Essas mulheres iam para as ruas vestidas como “vadias” para manifestar tudo o que passavam, através de gritos, performances e outros (Guzzo, 2019).

Destacamos que este artigo se articula com os projetos atualmente desenvolvidos no Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH)<sup>12</sup> da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que está desenvolvendo pesquisas voltadas à internet, focando em feministas e antifeministas, misoginia, masculinidades e outros, além de pesquisas acerca de mulheres políticas. Trata-se respectivamente dos projetos “Internet segura com perspectiva crítica de gênero” e “Misoginia: gênero, emoções e políticas nas redes de mídias sociais no Brasil contemporâneo” coordenados pela professora Dra. Cristina Scheibe Wolff e financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) e o projeto “Histórias de mulheres eleitas: candidaturas e exercício de cargo político no Cone Sul (1982-2019)” processo 309875/2021-8 coordenado pela professora Dra Joana Maria Pedro e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

### Os feminismos, a Internet e o *Facebook*

Por tratarmos das feministas e misoginia nas redes, destacamos que as duas manifestações, a Marcha das Vadias e o Movimento #EleNão, fazem parte do que atualmente tem sido chamado de Quarta Onda do Feminismo (Hollanda, 2018). Sabemos que a categoria de onda é limitada e não demarca exatamente todas as fases do feminismo, principalmente se levarmos em consideração a luta e produção latino americana (Hemmings, 2009), mas escolhemos utilizar o conceito por ser didático e extremamente difundido.

Para refletirmos sobre a Quarta Onda, é necessário que retomemos questões principais das anteriores. Desta forma, lembramos que a Primeira Onda ocorreu no final do século XIX e início do XX, é marcada pelo sufrágio feminino, e nasceu como movimento liberal de luta das mulheres pela igualdade na educação, política e direitos civis (Pedro & Barletto, 2019). A Segunda Onda, ocorreu nas décadas de 1960 e 1970, e teve a popularização da categoria mulheres, tendo o *slogan* “o pessoal é político” lutou pelo direito ao prazer, sexualidade,

---

<sup>12</sup> Conheça os trabalhos realizados no LEGH: <https://legh.cfh.ufsc.br/>.

planejamento familiar, maternidade, aborto, contra a violência (Scott, 1995; Hooks, 2018; Pedro & Rosalen, 2023). Já a Terceira Onda ocorreu nas décadas de 1980 e 1990, e é marcada por novas correntes e teorias feministas, como a interseccionalidade, a positividade sexual, o ecofeminismo vegetariano, o transfeminismo e o feminismo pós-moderno, segundo Elizabeth Evans (2015), a pluralidade, as vezes tida como “confusão” é o que marca essa onda. É nesta, também, que se acentua o debate acerca de gênero e sexo, proposto por Judith Butler e Joan Scott, onde se “busca destruir o sistema binário que opõe a natureza (sexo) e cultura (gênero), o eu e o outro” (Pedro, 2011, p. 275).

A Quarta Onda, onde os movimentos desse trabalho se encaixam, iniciam-se a partir de 2012 e vêm até a atualidade - 2025. As manifestações desta onda ocorrem muitas vezes nas redes sociais - *Facebook, Instagram, X, WhatsApp, Telegram* - e também nas ruas (Castro & Abramovay, 2021). A Marcha das Vadias foi uma das primeiras desse movimento, quando as redes começaram a ser utilizadas com o intuito de reivindicação, de luta e de militância. Esta marcação de onda se deu, visto que, a partir desse momento passou a não existir uma separação do *online* e do *offline* (Castro & Abramovay, 2021). Os marcadores dessa onda são a luta contra a discriminação no trabalho, feminicídio, igualdade de gênero, contra o assédio sexual e pela descriminalização do aborto, entre outros temas. As mulheres, no geral, se apresentam dentro dos movimentos sociais e não apenas nos movimentos feministas, isto é, participam das reivindicações feministas, mas nem sempre se reconhecem como feministas.

Para Michelle Perrot, em um sentido muito amplo, feminismo e feministas, “designam aqueles e aquelas que se pronunciam e lutam pela igualdade dos sexos” (2019, p.154), como também destaca Hooks (2018), pelo final do sexismo. Assim, esses termos, embora tenham sido bastante estigmatizados, continuam importantes para a compreensão da história das mulheres e das relações de gênero, e especialmente, dos movimentos sociais que envolvem as mulheres como sujeitos.

Quando aconteceram as manifestações do Movimento #EleNão, elas eram pacíficas e tinham como propósito levar quem era Bolsonaro à todos, promovendo uma conscientização coletiva sobre o candidato, suas ideias, preconceitos e falta de políticas nos anos que esteve como deputado e parlamentar, ou seja, mostrar o porque do #EleNão. A própria convocação das manifestações e a sua divulgação, foi feita através das redes sociais, especialmente do *Facebook*.

Para trabalhar com a internet foi necessária uma etnografia digital e se faz necessário estudar não apenas “na” internet, mas “a” internet (Cesariano, Walz e Balistieri, 2023). Na

etnografia digital ainda se fazem presentes o tradicional da etnografia: a escrita textual, mas para além dessa, há a presença de vídeos, imagens e outras combinações que ganham espaço (Miller et al., 2019). Assim, nossa análise das redes deve levar em conta as dinâmicas próprias da internet e as várias linguagens que nela circulam.

Destacamos também, que mesmo que estejamos utilizando posts feitos por pessoas comuns, as mídias sociais não são mais democráticas que as tradicionais (TV, rádio), pois nesse espaço também existem relações de poder, sendo a corporação Meta - *Facebook, Instagram e WhatsApp* - e o X, as corporações mais ricas do capitalismo moderno, concentrando a maior parte de navegação e comunicação online (Finger, 2021). Embora aparentemente essas corporações permitem a manifestação livre dos discursos, os algoritmos que definem a distribuição dos discursos, são controlados por elas, de forma que não é suficientemente transparente. Você pode colocar sua mensagem, mas não tem realmente controle de quem irá visualizá-la, e quem tem esse controle, através dos algoritmos, são estas empresas, que têm sido chamadas de *Big techs*.

Assim, as redes sociais tornaram-se espaço de disputa de grupos dentro da economia e política neoliberalista, deste modo, as resistências que antes se articulavam de outros modos, precisaram também ir para as redes, pois a colonização se encontrava lá. O algoritmo é racista e sexista, e há uma diferença muito grande na entrega dos conteúdos de problematização, de emancipação dos trabalhadores, de gênero, de produção científica historiográfica e de esquerda, por conta de o algoritmo não ter sido criado para promover esses tipos de debate, além de que as redes sociais utilizadas no Brasil são de criação estadunidense (Faustino e Lippold, 2023). Isto é, as redes estão dentro do conhecimento e contexto social que as concebeu, que basicamente visa o mercado, a venda de mercadorias e de informação. (Cardoso, 2022).

O *Facebook* foi um grande definidor de opiniões e votos a partir de 2013, quando o que viria a ser o Movimento Brasil Livre (MBL)<sup>13</sup>, começou seus trabalhos na rede, de forma sutil falando de educação, carnaval, impostos, saúde, colocando todos os problemas encontrados no Brasil como causados pelo governo do PT (Partido dos Trabalhadores), que desde 2002 ocupava cargo na presidência do país. Posts que viralizaram muito, foram, por exemplo, criticando a Copa do Mundo FIFA 2014, que ocorreu no Brasil, com textos que falavam que se o dinheiro investido em reformas e construções de estádios fossem investidos em saúde e educação seria

---

<sup>13</sup> O MBL é um movimento político liberal-conservador ligado à direita. Em seu manifesto, cita cinco objetivos: "imprensa livre e independente, liberdade econômica, separação de poderes, eleições livres e idôneas e fim de subsídios diretos e indiretos para ditaduras". In: CPI dos Crimes Cibernéticos vai ouvir Movimento Brasil Livre». Jus Brasil. Acesso em 15 de janeiro de 2025.

muito mais proveitoso para a população brasileira - inclusive virando notícias<sup>14</sup> que foram desmentidas pelo governo<sup>15</sup> - desconsiderando totalmente cultura, lazer e turismo, e que as verbas são destinadas a todos os campos.

Além disso, os grupos de *Facebook* também estiveram presentes na divulgação de diversos atos contra o PT até 2018, grandes difusores do Golpe sofrido da presidenta Dilma Rousseff em 2016 e aclamadores das ações políticas do presidente Temer. Levando isso em consideração, foi alimentando-se um antipetismo forte e que se tornou avassalador após a prisão do ex -presidente Lula (PT), que concorreria à presidência novamente em 2018 e que foi substituído pelo seu vice Fernando Haddad, tendo então como vice Manuela D'Ávila (PCdoB). Foi nesse período que começou o *slogan* “tudo menos o PT”.

Foi durante os eventos citados acima que começou uma difusão muito grande do “mito” Jair Bolsonaro, seus vídeos no senado, pró armamento, em defesa do “cidadão de bem”, da “família”, de Deus, da pátria<sup>16</sup>. Vídeos esses que nunca esconderam quem ele era e que justamente por isso muitas pessoas simpatizaram<sup>17</sup> (e simpatizam até hoje), já que incorporavam o discurso de que o país precisaria de um “líder de verdade”, que se dedicasse ao que importa: economia e não aos “mimimis” da esquerda que pregava por “ideologia de gênero” (Miguel, 2021).

Assim sendo, nas eleições de 2018, o *Facebook* teve papel fundamental, tanto para a esquerda quanto para a direita brasileira, pois, por meio desta rede foram divulgadas e emitidas diversas notícias, informações, mas essencialmente muitas *fake news* que influenciaram na formação (des)consciência política. Além de também organizar os movimentos sociais que se manifestaram naquele momento. Quem tinha acesso a rede, foi bombardeado de vídeos, imagens e textos curtos ligados ao momento político, que tinham o intuito apenas de “mostrar

---

<sup>14</sup> Cruz, José. Copa 2014: investimentos em estádios superam os da saúde e os da educação. 14 de junho de 2014. Disponível em <https://josecruz.blogosfera.uol.com.br/2014/06/copa-2014-investimentos-em-estadios-superam-os-da-saude-e-educacao/>. Acesso em 05 de janeiro de 2025.

<sup>15</sup> Pires, Jean. Gastos com a Copa não prejudicaram investimentos em saúde e educação. *Jus Brasil*. Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/gastos-com-a-copa-nao-prejudicaram-investimentos-em-saude-e-educacao/118672619>. Acesso em 05 de janeiro de 2025.

<sup>16</sup> Machado, Leandro; Franco, Luiza. Eleições 2018: voto anti-PT; por segurança e pela família tradicional, o que pensam as mulheres que escolheram Bolsonaro. *BBC News Brasil*. 04 de outubro de 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45714612>. Acesso em 10 de janeiro de 2025.

<sup>17</sup> Martins, Fernando; Éboli, Evandro. Por que o eleitor de Bolsonaro é tão fiel? Com a palavra, o próprio eleitor. 17 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/por-que-o-eleitor-de-bolsonaro-e-tao-fiel-com-a-palavra-o-proprio-eleitor-4m1yimyqh3soyek05g71g3cb2/>. Acesso em 10 de janeiro de 2025.

o que realmente era”, sem mais delongas e de uma perspectiva neutra, ao contrário do que a mídia hegemônica fazia, que era cheia de posicionamento e que só buscava alienar<sup>18</sup>.

### O uso das imagens das performances como #EleNão

As imagens que repercutiram no Facebook durante as eleições foram fotografadas durante dois movimentos, o Movimento #EleNão e o Movimento #EleSim, sendo o segundo citado pró Bolsonaro e também organizado por mulheres, mas com menor adesão<sup>19</sup>. O Movimento #EleNão acabou repercutindo mais no Facebook, porém nem sempre com viés de destacar positivamente o movimento. A partir de agora veremos isso, como as manifestações do #EleNão repercutiu nas mídias sociais. Primeiramente, vejamos abaixo uma imagem de um dia das manifestações.

**Figura 01: As fraquejadas vão te derrubar**



*Manifestação na Cinelândia, Rio de Janeiro (RJ), 29 de setembro de 2018.  
#PraTodoMundoVer mulher branca segura placa escrito “as fraquejadas vão te derrubar” com símbolos do feminismo, com foto do Bolsonaro com um “X” em vermelho em seu rosto em meio a manifestação do #EleNão.*

<sup>18</sup>Podemos citar por exemplo a obra de Perseu Abramo, *Padrões de manipulação na grande imprensa, que discute os cinco principais padrões de manipulação da mídia hegemônica: ocultação, fragmentação, inversão, indução e poder global*. ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa* – 2. ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

<sup>19</sup>Ramos, Marcella. #Elenão supera #Elesim nas redes. Uol Piauí, 01 de outubro de 2018. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/elena-supera-elesim-nas-redes/>. Acesso em 18 de agosto de 2023.

Como podemos perceber na imagem tirada acima durante a manifestação, uma mulher segura uma placa criticando uma das falas do presidente, alegando que as fraquejadas iriam derrubar eles, isto é, as mulheres, assim como ele se referiu a sua filha: uma fraquejada. Podemos visualizar na placa o símbolo do feminismo e uma imagem de Bolsonaro com três “X” vermelhos desenhados: em sua boca e nos seus olhos. Ao fundo da imagem observamos outras mulheres e homens manifestando-se, de diferentes idades e cores. A imagem acima é de uma das manifestações na cidade do Rio de Janeiro.

Essa imagem foi difundida nas redes sociais e também na mídia hegemônica, podemos visualizá-la em rápida pesquisa no Google Imagens. Percebemos nela um pouco do que foi o movimento, pacificidade e o comprometimento em demonstrar as falas e ações do presidente, se colocando contra. Destacamos que durante as manifestações desse movimento não ocorreram performances, cada um fazia seu cartaz, colocava seu adesivo e se juntava às massas na rua, tendo como grito principal o nome que o movimento foi batizado: #EleNão.

O Movimento, tendo como ativistas mulheres, negros, a comunidade LGBTQIA+ e jovens, “sugere que o “#EleNão” seria metáfora para um Brasil real, com poder político, apoiado em instituições do sistema, que muitas, muitos, negam em especial com seus corpos, suas vozes, fazendo-se multidão no público” (Castro & Abramovay, 2021, p. 30). Sendo então “corpos e discursos coletivos de mulheres que, em multidão, gritam “#EleNão”, tendo como totem da revolta contra a ordem patriarcal/capitalista” (Castro & Abramovay, 2021, p. 30).

Para compreendermos melhor a circulação de imagens, e também as eleições de 2018, é importante ressaltar o acesso à internet no país naquele ano, pois infelizmente o acesso é desproporcional e isso resulta na circulação de informações, sejam as com veracidade, como também de *Fake News*, isto é, informações falsas que são compartilhadas em forma de notícias, sendo algumas vezes de maneira sensacionalista, tendo a disseminação favorecida pelos apoios emocionais (Nemer, 2021). Deste modo,

Conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no quarto trimestre 2018, dos 71 738 mil domicílios particulares permanentes no Brasil, 79,1 % possuíam acesso à internet. Na área urbana, eram 83,8 % das residências com conexão e, na área rural, 49,2 %. Ao considerar os números por região, de forma geral, o Nordeste apresentava o menor percentual de domicílios com utilização da internet (69,1 %), seguido da região Norte, com 72,1 %. A região Sudeste (84,8 %) apresentou o percentual mais elevado. (Soares & Mazzarino, 2021, p. 272)

Por meio dos dados acima apresentados verificamos que as regiões mais industrializadas, que muitas vezes são sinônimo de desenvolvimento do país, eram as que mais possuíam acesso a internet, e desta forma, acesso às redes sociais e o que foi compartilhado naquele ano.

Como destacado anteriormente, o período eleitoral se destacou pela disseminação de *Fake News* e o #EleNão foi um grande alvo delas, pois queriam desestruturar e mostrar como a oposição de Bolsonaro era ligada com tudo que se deveria acabar no país. Nisso, começaram a utilizar registros de outras manifestações, principalmente da Marcha das Vadias. Vejamos abaixo uma imagem de uma performance que ocorreu durante uma marcha e que foi difundida nas redes como se fossem referentes às manifestações contra Bolsonaro.

**Figura 02: Performance Marcha das Vadias**



*#PraTodoMundoVer performance da Marcha das Vadias no Rio de Janeiro, onde as genitais são tapadas por símbolos religiosos, como a cruz.*

A imagem acima foi divulgada como manifestações do #EleNão, e contou com a legenda “Isso é normal, BOLSONARO QUE É (SIC) FACISTA E RACISTA \*emoji de *surpreendido*\*”, mas foi registrada no Rio de Janeiro durante a Marcha das Vadias de 2013. Nela observamos duas pessoas nuas e um público atrás, uma das pessoas está com o crucifixo em frente a sua genitália e outra abaixada, mas não dá para ver o que está fazendo, entre elas alguns crucifixos no chão e uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. Essa foi uma

performance realizada pelo Coletivo Coyote, sendo esse um coletivo de arte e que durante a marcha

duas pessoas nuas, com os rostos cobertos com balaclavas, que tinham, no lugar da genitália, uma imagem de Jesus e um crucifixo. Durante a performance, eles manusearam imagens de santas e outros crucifixos. Em determinado momento, uma das pessoas realiza a penetração do crucifixo em seu ânus e outra pessoa senta na “cabeça” da imagem da “Virgem Maria”. Depois disso, essas imagens são quebradas (Guzzo, 2019, p. 140)

Mesmo que durante a Marcha a performance já fosse amplamente divulgada nas redes sociais e mesmo no Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão (Guzzo, 2019), ela havia caído no esquecimento nos 5 anos anteriores às eleições, e voltou a circular então como se tivesse sido parte do Movimento contra Jair Bolsonaro em 2018.

No momento da Marcha das Vadias, esta performance dividiu opiniões entre as manifestantes e organizadoras da marcha, e isso é trazido também por Guzzo, que realizou entrevistas com organizadoras e uma delas relatou “Teve um racha ali na marcha, de algumas pessoas desconfortáveis com a questão lá das imagens que teriam sido quebradas, enfiadas no ânus e tal, e outras pessoas que falaram ‘foda-se’.” (2019, p. 141). Lembramos que as imagens utilizadas não foram sacralizadas, portanto, não eram sagradas e que esse modelo de movimento artístico não é algo novo.<sup>20</sup>

A reutilização da imagem pela extrema direita foi estratégica, pois, mesmo entre apoiadoras da marcha, que era mais livre e tinha como objetivo a reflexão do ‘meu corpo, minhas regras’ e de uma crítica à Igreja que controla os corpos e mentes de mulheres, teve discordâncias. Mas no contexto da disputa eleitoral de 2018, quando se falava muito de Deus, Pátria e Família, a imagem ganha um contorno de uma afronta muito grande a esses que eram “valores” difundidos pela direita. Estão manifestando por uma pátria, porém por uma pátria diferente, não nacionalista, onde todos são iguais, que o estado é laico e que a família não é apenas a heterossexual e patriarcal. Em um momento de discussão de valores, a reação se dá contra gênero e democracia, pois,

O risco estaria numa desordem moral, que ameaçaria a autoridade paterna, a infância e as tradições. Dessa forma, são mobilizados para construir apoio popular à censura, à restrição de direitos individuais e à oposição a pactos coletivos para a educação das crianças. Podem servir, ainda, para legitimar a violência contra minorias. A moralização das incertezas se torna, assim, um componente político central dos

---

<sup>20</sup> Para saber mais ver a tese de Guzzo.

processos de restrição democrática e da ascensão de lideranças autoritárias e de extrema-direita. (Biroli, 2019, p. 87)

Portanto, a moral e os bons costumes são por vezes antidemocráticos, antigênero, anti raciais e anti LGBTQIA+. Como coloca Perrot (2019, p. 169) “Os integralismos políticos e religiosos fazem da ordem dos sexos e da dependência das mulheres um de seus pilares.” Assim, se Perrot coloca que “De maneira geral, há aliança entre feminismo e modernidade, entre feminismo e democracia” (2019, p. 158) o feminismo é considerado uma ameaça ao conservadorismo. A luta das mulheres seja por meio da Marcha das Vadias, para terem o direito ao seu próprio corpo ou no Movimento #EleNão que visava não eleger um candidato abertamente machista e sexista, que nunca fez nada favorável às mulheres, e que acredita que desigualdade de sexo é o certo e que gênero não existe, são grandes ameaças. São mulheres saindo do privado e indo para o público reivindicando não só espaço, mas igualdade.

Por posts como o exposto anteriormente (figura 02), surgiram outros comentários de pessoas pró Bolsonaro. Vejamos dois deles, um realizado por um homem e outro por uma mulher.

**Figura 03: #EleNão e Manifestações**



*Comentário público no Facebook de 04 de outubro de 2018  
#PraTodoMundoVer texto da imagem “Pedimos às mulheres do #EleNão que façam mais manifestações, assim já ganhamos no 1º turno!”*

**Figura 04: Ele Não: Cadê as manifestações?**



*Comentário público no Facebook de 30 de setembro de 2018  
#PraTodoMundoVer texto da imagem “Sim! Cadê as manifestações das peludas do #elenão, aqui em Roraima emoji de riso”.*

Em ambos os comentários visualizamos o quanto a divulgação de imagens da Marcha das Vadias e de outras performances foi essencial para o fortalecimento da direita brasileira naquele momento.

O primeiro comentário (figura 03), de um senhor, que inclusive está com a bandeira do Brasil na sua foto de perfil - elemento bastante difundido entre apoiadores de candidatos de direita, por simbolizar a pátria e que “nossa bandeira jamais será vermelha”, fazendo alusão ao comunismo e ao PT - faz piada com as manifestações do #EleNão, pedindo que façam mais manifestações, isto é, que degradem ainda mais sua imagem, que mais pessoas que estão em cima do muro, se voltariam pró Bolsonaro.

No segundo comentário (figura 04), uma senhora, que talvez seja um perfil fake, por conter o sobrenome “Bolsonaro” e um nome árabe, pede manifestações do #EleNão no estado de Roraima, fazendo alusão às “peludas”, que é como as feministas são costumeiramente chamadas por colocarem em pauta a questão da feminilidade. Uma mulher, criticando outras mulheres nos lembra dos debates da Terceira Onda feminista, onde há mulheres e mulheres - assim como o contramovimento #EleSim - e portanto “o fato de ser mulher não a torna igual a todas as demais” (Pedro, 2005, p. 82).

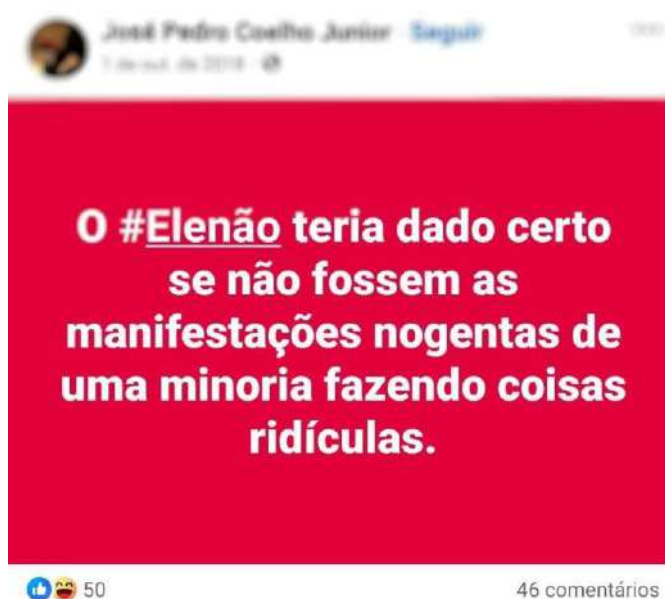
Em ambos os comentários é possível perceber um posicionamento dos seguidores de Bolsonaro contra o Movimento #EleNão, mesmo que em comentários sutis em tom de humor, mas conseguimos perceber o ódio às mulheres e ao gênero. Como coloca Ahmed (2015, p. 80)

É importante notar, então, que o ódio não reside em um determinado sujeito ou objeto. O ódio é econômico; circula entre significantes em relações de diferença e deslocamento. Para entender essas economias afetivas do ódio, considere o como funcionam os “sinais” de ódio e sua relação com corpos. <sup>21</sup>(tradução nossa)

Sara Ahmed escreveu levando em consideração o racismo, mas podemos pensar para além do racismo, a misoginia, transfobia, e a outros grupos que são constantemente alvo de discursos de ódio. O Brasil constituiu sua sociedade, cultura e economia calcados no racismo e o sexismo, como destacado com Lélia González (2020), e estes grupos que são constantemente reprimidos, ao se organizarem, ameaçam toda uma estrutura colonial e patriarcal.

Ambos os comentários brincam também com a “falta” de manifestações e disseminam o Movimento #EleNão como negativo, aliando-se ao Movimento #EleSim. Porém é preciso destacar que comentários como esses foram realizados também por pessoas que se alinhavam contra o Bolsonaro, mas que caíram em desinformação.

#### Figura 05: Ele Não e minorias ridículas



*Comentário público no Facebook de 01 de outubro de 2018*

*#PraTodoMundoVer texto da imagem “O #Elenão teria dado certo se não fossem as manifestações nojentas de uma minoria fazendo coisas ridículas.”*

<sup>21</sup> Original: Es importante señalar, entonces, que el odio no reside en un sujeto u objeto dado. El odio es económico; circula entre significantes en relaciones de diferencia y desplazamiento. Para comprender dichas economías afectivas del odio, consideraré la manera en que funcionan los "signos" de odio y su relación con los cuerpos.

O comentário desse senhor (figura 05), exibe a desinformação entre quem deveria estar se articulando. Ele afirmou a possibilidade do movimento ter dado certo se não fosse “manifestações nojentas de uma minoria fazendo coisas ridículas”. Nesse sentido, os “aliados” do movimento confirmam os acontecimentos que não aconteceram, mas que circularam na internet. Aqui poderíamos discutir o que é o certo e o errado do movimento que esse cidadão cita, até porque o #EleNão foi a maior manifestação política ocorrida naquele ano e o maior movimento organizado e protagonizado por mulheres no país até o momento<sup>22</sup> (já que depois de 2018 não houveram outras grandes manifestações). O que não deu certo, e nunca dará, é a não regulamentarização das redes sociais e as *fakes news*.

### Considerações Finais

O Movimento #EleNão, manifestou-se nas ruas e nas redes pacificamente, até porque tinha medo de perder aliados. Como comentado anteriormente, a moral predominou no cenário eleitoral daquele ano e não seria do feitio do movimento perder companheiros reforçando estereótipos que foram colocados a eles, até porque, mesmo que em reivindicação, sarcasmo e humor, a direita se apropriaria para expor o quanto “estavam certos”. Mas não precisou de um deslize do #EleNão, pelo fácil compartilhamento nas redes e pela falta de regulamentação delas, utilizou-se de *fake news* para desestabilizar o movimento e uma dessas foi os compartilhamentos de imagens da Marcha das Vadias. Ou seja, utilizaram a estigmatização do feminismo, mesmo que o movimento não se colocasse como “feminista”, para desmerecer o movimento. E muita gente entrou nessa onda.

O compartilhamento das imagens da marcha, como visualizamos pelos comentários (figuras 03, 04 e 05), surtiu efeito tanto em apoiadores do Bolsonaro que as disseminaram como reais, como entre quem era contra o presidencialismo, por terem acreditado que as redes sociais eram neutras, só para mostrar o que realmente aconteceu, e não procurarem saber mais sobre o movimento.

Em suma, o Movimento #EleNão já era considerado uma ameaça por ser organizado por grupos que reivindicavam direitos iguais, liberdade, que eram antissexistas e antiracistas, e quando espalhou-se rapidamente *fake news* sobre o movimento, não foi possível alcançar a

---

<sup>22</sup>Rossi, Amanda; Carneiro, Julia Dias & Gragnani, Juliana. #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. BBC News. 30 de setembro de 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em 25 de janeiro de 2025.

todos com o que de fato o movimento estava alinhado, pois, tomou proporções muito grandes em pouco tempo. Enquanto não houver uma regulamentação das redes, que culpabilize quem produz e compartilha *fake news*, e com mudanças nos algoritmos que propiciam a sua disseminação, estaremos fadados a ter nossos movimentos sociais e a luta por ele composta barrada, desmoralizada, desfragmentada e sedimentada. O Movimento #EleNão tem sido por muitos pensado como um movimento que teria “diminuído” as chances da chapa petista na eleição, mas acreditamos que esta não é uma análise correta. O que diminuiu e permitiu a eleição da chapa conservadora e fascista foi a dinâmica das redes sociais, sua não regulamentação que permitiu todo o tipo de notícias falsas, imagens fabricadas e inverdades, bem como os algoritmos e robôs que disseminaram essas inverdades.

### Referências bibliográficas:

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa** – 2. ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

AHMED, Sara. La organización del odio. In. **La política cultural de las emociones**. Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2015, p. 77-103. Disponível em: [https://www.puees.unam.mx/curso2021/materiales/Sesion14/Ahmed2015\\_LaPoliticaCulturalDeLasEmociones.pdf](https://www.puees.unam.mx/curso2021/materiales/Sesion14/Ahmed2015_LaPoliticaCulturalDeLasEmociones.pdf)

BIROLI, F. A reação contra o gênero e a democracia. **Nueva sociedad**, v. 23, n. 65, 2019, p. 76-87. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/reacao-contra-o-genero-e-democracia/>

CASTRO, M. G; ABRAMOVAY, M. (2021). Quarta onda ou um Feminismo Maremoto? Significados do “#ELE NÃO” nas ruas do Brasil. **Juventude.Br**, (17), 23–31. Recuperado de <https://juventudebr.emnuvens.com.br/juventudebr/article/view/190>. Disponível em: <https://juventudebr.emnuvens.com.br/juventudebr/article/view/190/184>.

CESARIANO, Letícia; WALZ, Silvia e BALISTIERI, Tatiana. – Etnografia na ou da internet? Desafios epistemológicos e éticos do método etnográfico na era da plataformização. In: Siqueira, Isabel Rocha de. e Costa, Vitor de Souza (orgs). **Metodologia e Relações Internacionais** – Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora Puc Rio, 2023. Disponível em: <https://www.editora.puc-rio.br/media/Metodologia%20e%20RI-V4-P4.pdf>

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital: por uma crítica hackerfanoniana**. São Paulo: Boitempo, 2023.

FINGER, Vinícius. (2022). História, Mídia Digital e Anti-Ciência: a quimera narrativa do canal Brasil Paralelo. **Historiæ**, 12(2), 83–104. Recuperado de <https://furg.emnuvens.com.br/hist/article/view/13477>

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flávia; LIMA, Marcia. **Por um feminismo afrolatino americano: ensaios intervenções e diálogos**. Zahar, p. 67-83. 2020. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>

WAULCZINSKI, Luiza R. e WOLF, Cristina S.

Movimento #EleNão: O uso das manifestações para fortalecimento da extrema direita brasileira e a circulação de imagens da Marcha das Vadias

GUZZO, Morgani. Campos e corpos plurais: os feminismos das Marchas das Vadias no Brasil. **Tese (doutorado)** - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2019.

HEMMINGS, Clare. Contando histórias feministas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril/2009.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rosa dos tempos, 2018.

MIGUEL, Luis Felipe. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira. **Cad. Pagu** (62) • 2021 • <https://doi.org/10.1590/18094449202100620016>.

NEMER, David. **Tecnologia do Oprimido: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil**. Vitória: Editora Milfontes, 2021.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.24, N.1, P.77-98, 2005.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi**, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 270-283.

PEDRO, Joana Maria e BARLETTO, Marisa. Movimentos feministas e academia: tensões e alianças. **Revista Feminismos**, v. 7, p. 1-16, 2019. <https://portalseer.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/31863>.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

ROSALEN, Eloisa; PEDRO, Joana Maria. Os debates historiográficos sobre os feminismos da “segunda onda” na contemporaneidade. **Revista Feminismos**, v. 11, p. 1-28, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/57407>.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. 20(2): 71-99. Jul/dez. 1995.

SOARES, Amanda Cantú Rodrigues; MAZZARINO, Jane Márcia. Feminismo de Internet: Como as redes sociais contribuem para o desenvolvimento da Quarta Onda Feminista no Brasil. **Contratexto** n.º 36, diciembre 2021, ISSN 1025-9945, pp. 261-286. doi: <https://doi.org/10.26439/contratexto2021.n036.5152>.

Submetido em: 14/03/2025

Aceito em: 14/04/2025